



VISCONDE DE MARANGUAPE.

Lith de J. Alves Leite

REVISTA

DO

PARTHENON LITTERARIO

TERCEIRA SERIE

ANNO I SETEMBRO 15 N. 3

PORTO ALEGRE

IMPRESA LITTERARIA

1877

TRIBUNA DO PARTHENON

MISSÃO DA MULHER

PRELECCÃO PELO SOCIO FREDERICO E. E. DE VILL EROY
NO SARÃO DE 14 DE AGOSTO

O esplendido pharol dos mundos, diffundindo em seus almos raios o calor e a vida; o condor altivo, devassando, no arrojado vôo, os páramos do espaço infinito; o soberbo soberano das florestas, contemplando vaidoso seus vastos dominios; o secular carvalho, desafiando o raio com a allaneira coma: não são sómente os que concorrem para a obra gigantesca da creação.

Não!

A menos lucida estrella, o vagabundo pyrilampo, o mais mesquinho insecto, como a singela violeta, — têm todos lugar distincto nesse quadro de assombrosa magnificencia, para cuja tão variada, quão maravilhosa belleza grandemente contribuem.

Não são só os grandes genios, os eminentes philosophos que têm collaborado na sublime empreza da emancipação e civilização dos povos; o modesto mestr'escola, o humilde operario têm tambem cooperado para ella valiosamente.

Assim tambem não é só a sciencia do engenheiro, a arte do architecto que se devem essas sumptuosas cathedraes, esses ostentosos palacios, esses obeliscos e aqueductos e pontes, todos esses monumentos emfim que se impõem á admiração geral; — para sua realisação foi necessaria a

coadjuvação dos simples artesãos como a dos mais ignorantes serventes.

Não é pois de estranhar, — minhas senhoras, meus senhores, — que eu venha também hoje inscrever meu obscuro nome nas paginas douradas do *Parthenon*, partilhar de seus trabalhos, abrigado á sombra de sua gloriosa bandeira.

Não me trazem aqui fôfa presumpção, stulta vaidade!

Não venho offerecêr-vos novidades, não venho derramar sobre vós finas perolas de ingente talento, sem perfumar-vos com o inebriante aroma das flores de primorosa eloquencia!

Accedendo ao tão delicado, quão honroso convite de illustres companheiros e amigos, venho apenas, se m'o permittis, conversar-vos por alguns momentos, fazer comvosco um ligeiro estudo sobre materia que creio ser a todos grata e interessante: a MISSÃO DA MULHER.

Sei que jámais me approximarei á altura de tão grandioso assumpto; supra porêm a pequenez de meu ingenho a grandeza de vossa benevolencia e a boa vontade que me anima.

A sabia natureza, essa prodigiosa feiticeira, nada fez ao acaso e inutilmente.

Tudo previo, tudo prevenio, estampando em tudo o sello indelevel do genio, a sua mão de mestre.

Impôza cada uma de suas creaturas uma missão e, para cumpril-a, dotou-a dos necessarios elementos, sujeitou-a a determinadas leis.

Ergamos por um instante as nossas vistas, contemplemos esses milhões de mundos que, como o nosso, no espaço rolão.

Que portentos! que maravilhas! que encanto! Pasmamos ante tanta e tão colossal grandeza!

Contemplem-os não obstante:

Parecem myriadas de brilhantes, engastados em abobada de formoso azul!

Mas elles estão soltos, nada os ampara, — e elles não cahem!

Não têm um só ponto de apoio, — e entretanto mantêm-se em invariavel equilibrio!

Ninguem os impelle, — e, todavia movem-se e girão na respectiva orbita e não parão nunca!

Ninguem os guia, — e entretanto não se transvião, não perdem a rota que lhes foi traçada!

Ninguem os contém, — e elles não se precipitão, nem se entrecocão!

E convergem todos a um centro, a um principal d'entre elles, a quem parecem subordinados.

— E' que elles preenchem a sua missão, é que elles obedecem á lei immutavel que os rege!

E essa lei, que os mathematicos chamão — attracção e repulsão e que nós podemos denominar em geral — actividade e passividade, é sempre a lei eterna da — harmonia e dependencia, que preside a todas as combinações da natureza, que une todos os generos e especies, como todos os individuos, assim na ordem physica como na moral.

— Volyamos agora ao nosso globo.

O que vemos?

Um numero infinito de individuos, comprehendidos em especies tambem sem conta, que formão tres grandes classes ou generos completamente distinctos, ligados porém de modo, entre auxiliando-se e funcionando talmente de accordo, que juntos formão esse todo tão perfeitamente harmonico, tão harmonicamente perfeito, que no mais insignificante detalhe, na mais simples como na mais engenhosa operação, nos sorprehende, nos admira, nos confunde!

Tomemos ao accaso para nossa apreciação, d'entre esses individuos, alguns dos menos importantes na apparencia:

Olhemos para uma amoreira, observemos aquelle animalinho que soffrego lhe devora as folhas...

E' uma fêa e repulsiva lagarta.

Não é certo que o seu aspecto é extremamente desagradavel? Não parece ser elle, entre tantos primores, uma verdadeira excrescencia, uma absoluta nullidade?...

Pois, senhores, esse repugnante bichinho tem em si mesmo um thesouro, representa capitaes enormes na nossa industria; é uma pasmosa maravilha!

Com a sua tenuissima baba construe elle a luxuosa crysalida, onde deve effectuar-se mais um prodigio — a sua transformação em borboleta!

E essa baba — não é mais que o succo da amoreira, que, passando nesse originalissimo laboratorio por um processo que escapa á humana sciencia, adquire taes propriedades que, ao expôr-se ao ar e á luz, converte-se no solido, precioso fio com que se tecem os mais ricos, custosos estofos, que adornão os templos e os alcáçares, as nobres damas, os opulentos senhores: a seda!

E o miserimo grão de areia, tão sem graça, sem expressão, sem vida, que o vento a seu capricho desloca, impelle, o que póde valer?...

Oh! muito!

Esse pequeninino individuo, unido a outros de sua especie, oppõe, tão fraco como é, uma valente barreira ás invasões do tremendo Oceano!

Concorre tambem para a vegetação, pois vegetaes ha que só produzem em terreno arenoso.

Nas nossas construcções de mais vulto representa elle ainda notavel papel, como elemento imprescindivel da argamassa.

Reduzido á liquefacção pela acção do fogo, e depois coagulado, fornece-nos esse material tão conhecido na industria e no commercio, que tanto aproveita ao grande como ao pequeno, ao pobre como ao rico, em todos os usos da vida, e que tão bons serviços tem prestado ás sciencias e ás artes: o vidro!

E a rasteira grama?

Com a sua linda côr será apenas um mero luxo, um adorno no magico painel?

Não, por certo.

Essa côr de esmeralda não é sómente bella, é necessaria :

Absorvendo os raios da luz, não só nos beneficia a vista, nos modifica os ardores do estio, como transmittê á crosta da terra o calor preciso para fazer germinar a semente, para dar vida á vegetação !

Ainda mais : D'ella se nutrem milhões de animaes, que, a seu turno, vão alimentar a outros, de quem outros ainda se derivão ou sustentão ; indo todos por fim dar nova seiva á terra para produções novas !

E' ella pois um dos principaes elementos da vida animal, concorrendo tambem, comquanto indirectamente, para a vegetal !

— Sempre o dosempenho da missão imposta, a obediencia á eterna lei da — harmonia e dependencia.

§

Se dos minimos representantes dos tres generos ou classes, que acabamos de ligeiramente considerar, proseguirmos em nossa analyse pela escala ascendente, encontraremos em seu termo, como ponto culminante da creação — a especie humana ; a qual, depois do que provado fica, tem forçosamente a sua missão, como os elementos indispensaveis para cumpril-a, e está subordinada ás leis que deixamos consignadas, além das peculiares á sua organização.

A humanidade não caminha a tontas, nem a esmo ; marcha triumphante a seu fim, mediante as leis que a dirigem, e os recursos de que dispõe.

Entretanto porê, por mais pretenciosa que seja, é certo, meus senhores, que ella nada crêa, nada inventa ; apenas, por um lado, imita os innumerados modelos que a cada passo lhe ministra a natureza, e, por outro, pesquisa, investiga-lhe os immensos thesouros, as forças sempre renascentes e productivas, prescruta-lhe os mysteriosos arcanos, estuda e medita sobre esse estupendo livro de eterna sabedoria, descobre cada dia uma nova maravilha, apodera-se della

e applica-a em proveito proprio, em desempenho de sua missão.

Olhai, senhores, para as tres poderosas, principaes alavancas do progresso, que, nullificando as distancias, facilitando e regulando com certeza mathematica as communições entre os povos, transmittindo de uns a outros suas descobertas, suas nobres conquistas nas sciencias e nas artes, conduzem a humanidade ao magno desideratum, o congraçamento geral das nações, a Confederação universal.

Com effeito, o que são a bussola, o telegrapho, o wagon e o seu companheiro maritimo?

Nada mais que a descoberta de tres grandes forças da natureza : o *iman*, a *electricidade* e o *vapor*, e a applicação das mesmas de conformidade com as leis que as regem.

Observai ainda todos os systemas de organização humana, ou os considereis, pelo lado moral, nas diversas formas de associação; ou, pelo lado physico, nas varias fabricas e machinas, que por ahi commummente se empregão : em todos encontrareis sempre o typo moldado pela natureza, a mesma lei da — harmonia e dependencia.

Nestas, todas as peças, habilmente combinadas e ligadas entre si, produzem um resultado certo, sujeitas ás leis do equilibrio e do movimento que lhes imprime a mola principal, chave de todo o systema; naquellas, todos os membros unidos pelas convenções por elles estabelecidas, marchão de accordo para um mesmo fim, divididos porêm em cathogorias, com deveres e garantias especiaes segundo estas, e obedecendo a um chefe que os dirige e governa.

E quando, meus senhores, a humanidade, nos seus assomos de orgulho, nas suas horas de cegueira se afasta da natureza e quer legislar, produzir, obrar de encontro ás suas leis, cáe sempre no erro e no absurdo, muitas vezes no crime, outras no ignobil, no ridiculo.

Para confirmar este asserto, bastaria lembrar-nos ao accaso, entre milhares de factos, a vida dos anachoretas, os governos absolutos, o feudalismo, a execranda inquisi-

ção, a ominosa escravidão e finalmente o celibato ecclesiastico.

Se da prova geral quizermos descer á individual, encontral-a hemos immediatamente em cada um de nós.

Se commettemos qualquer abuso no exercicio do nossas funcções naturaes, ou seja por demasia ou por inconveniente continencia, — a nossa economia padece, avisando-nos logo do erro, exigindo a reparação.

Se vivemos pelo espirito, esquecendo indevidamente o corpo, este enlaquece e definha, a mysanthropia e até a honreura se apoderão daquelle, se antes e prematuramente não veio a consumpção pôr termo á lucta.

Se, pelo contrario, sacrificamos ao corpo o espirito, as nossas faculdades embotão-se, embruteceemos e acabamos em completo tedio, quando não victimas de funesto accidente por algum excesso d'aquelle.

E' ainda e sempre a eterna lei da — harmonia e dependencia.

Porém, me dirão talvez, se em relação á humanidade, está tudo tão bem regularizado pela natureza; se tudo está assim preestabelecido e determinado: cessa então o livre alvedrio, é falsa toda a moral, iniques são todos os codigos, pois não pode haver responsabilidade quando não ha liberdade de acção.

Assim não acontece:

O bruto, pura materia, tem apenas o instincto animal, a que cega e fatalmente obedece, sem ter o direito e os meios para distinguir e escolher.

A' humanidade porém, fadada para altos destinos, deu a natureza, com o espirito, as faculdades necessarias para analysar, comparar, julgar e escolher, assim como para governar-se; prevenindo-a sórrente contra os excessos, que ella condemna como prejudiciaes á sua creatura predilecta.

Não ha nisto imposição absoluta, predominio, nem cerceamento de liberdade; ha providencia e providencia, ha ordem, ha mesmo amor.

Continúa.

CELINA

DRAMA EM DOIS ACTOS

ORIGINAL BRASILEIRO

DE

VASCO DE AZEVEDO

PERSONAGENS

Alfredo		Dr. Magalhães
Arthur de Oliveira		Celina
Oscar		Amelia
Antonio		Dois criados

Acção — Porto Alegre

Epocha — 18...:

No. Illm. Sr.

MAJOR FELICIANO JOAQUIM DE BORMANN



0

AUTOR

CELINA

ACTO I.

Décoração : Sala em casa de Alfredo. Tres portas no^a
F., duas á D., uma a E. B. e janella a E. A.

SCENA I

AMELIA E DR. MAGALHÃES

CRÍADO (*annunciando*) — O Sr. Dr. Magalhães.

Dr. (*dirigindo-se á Amelia*) — Desculpe-me, se a venho incomodar.

Am. — A sua presença, doutor, é-me sempre agradável, tanto mais que pôde dar-me noticias do estado de nossa pobre Celina. (*Sentão-se*).

Dr. — E' justamente esse motivo, que trouxe-me até aqui ; mas infelizmente não posso dizer-lhe o que de ejava : o seu estado é o mais triste possível. A congestão manifestou-se de fórma tal, que todos os esforços da sciencia tornão-se improficuos. Restão-lhe talvez bem poucos momentos de existencia . . . Retirei-me, porque o coração de amigo não podia presenciar o triste desenlace que a sciencia do medico previra. Choremos, pois, aquella morte tão prematura ! . . . Choremos o desfolhar-se da bonina, cujas petalas ainda hontem entreabrirão-se ao tenue bafejo de mil felicidades ! . . .

Am. — Ah ! doutor, como é triste morrer-se assim no

começo da existencia, quando tudo que nos rodeia é bello e poetico, como o azul matizado do céu, em manhãs de primavera em que o cantar dos passaros assemelha-se aos suaves accordes da musica! . . . Ah! doutor! é bem triste morrer-se assim na primavera da existencia! . . . (*erguem-se*).

DR. — E' na realidade um laice bem cruel!

AM. — Se o é! Eu que o diga, porque sinto n'este momento seus effeitos.

DR. — E' necessario revestir-se de animo para que não succumba. Resigne-se, é a vontade de Deos que cumpre-se: curvemo-nos pois ante ella. (*Sahe*).

AM. (*sequinão-o*) — Diz bem: é a vontade de Deos que cumpre-se — não devemos rebelar-nos!

SCENA II

AMELIA, só

AM. (*no sofá*) — Pobre Celina! Ainda hontem eras um modesto botão de rosa a inebriar com teu perfume áquelles que te cercavão! Eras uma candida virgem, que com teu meigo sorrir trazias a alegria ao lar de teus pais, e com teu olhar melancolico e sympathico adquirias um admirador em cada estranho, que reverente curvava-se ante a belleza de tua alma e a pureza de teus sentimentos, ao passo que hoje és quasi um cadaver! Tua fronte de anjo, aureolada pela belleza, será brevemente roçada pelo vendaval da morte, e então . . . o cruel designio ao qual não podemos fugir, cumprir-se-ha quanto a ti! . . . (*Pousa*) O que é a vida?! Nada mais do que um martyrio terrivel, que deixa-nos bem poucos momentos de descanso, para novamente proseguir . . . proseguir sempre, até que o anjo da morte, roubando-nos á familia e á sociedade roce-nos com seus labios de gelo, para então descansarmos eternamente sob a fria louza de um sepulchro!

CR. (*annunciando*) — O Sr. Arthur de Oliveira.

AM. — Arthur! . . . Manda-o entrar. (*Enchuga as lagrimas*).

SCENA III

AMELIA E ARTHUR

ART. (*entrando*) — Dás licença, Alfredo?

AM. (*recebendo-o*) — Pódes entrar, Arthur.

ART. (*beijando-lhe a mão*) — Ah! és tu, Amelia? (*encarando-a*) Mas o que é isto? Choras . . . soffres acaso? Oh! diz-me! . . . Quero compartilhar de 'eus pezares . . . Falla, mimosa, o que tens? . . .

AM. (*dissimulando*) — Nada, Arthur . . . Bem sabes que sou uma criança . . . Como a quinze dias não recebia cartas tuas, julguei que começavas a esquecer-me, que a imagem de tua noiva havia sido riscada de teu coração, pela de alguma rusticasinha de nossa campanha . . . Não tenho nada, Arthur, bem sabes que sou uma criança . . .

ART. (*conduzindo-a ao sofá*) — Dizes bem, Amelia; foste uma criança, alimentando taes supposições, julgando-me tão severamente, quando deveria inspirar-te confiança.

AM. (*tendo as maos presas entreas de Arthur*) — Basta, não ralhes mais. Vês? já estou serena . . . A duvida já passou, e aqui me tens junto de ti, feliz e crente como sempre . . .

ART. (*levando a mão de Amelia junto ao coração*) — Feiticeira! Ao passo que tu, aqui, duvidavas de mim julgando-me perfido; eu lá, estava tranquillo como se acompanhasse teus passos. A tua imagem, essa doce phantasia de meus sonhos, acompanhava-me sempre! Quando de manhã os primeiros raios do sol mostravão-se á medo nas matizadas nuvens do horisonte, eu julgava ver-te retratada em cada uma d'ellas! . . . Depois nos ceruleos espaços parecia-me avistar um anjo, que pouco a pouco baixava á terra, e que já proximo á mim transformava-se em uma mulher, e que essa mulher eras tu, bella como sempre;

tendo a brincar-lhe entre os nacarinos labios o doce sorriso da felicidade! . . .

AM. (*interrompendo-o*) — O' basta, Arthur . . . Obrigada, obrigada, Arthur!

ART. (*tomando-lhe novamente as mãos*) — Quando á noite os pallores argenteos da lua reflectiã-se sobre as adormecidas aguas dos mansos arroios que banhão as verdadejantes campinas da nossa formosa Alegrete, eu julgava ver n'esses floces de luz o retrato de minha adorada Amelia . . .

AM. — Oh eu tambem te amo muito! Perdôa-me se uma vez pude crêr que te havias tornado máo! (*Levando a dextra de Arthur ao peito*) Vês como meu coração palpita? Pois bem, é por ti e só por ti; é a prova da indefinivel felicidade que n'este momento gozo, são as crenças de minh'alma votadas no altar do amôr! . . .!

ART. (*arreatado*) — Amelia! . . . mimosa! . . . se tu soubesses como eu te amo! . . .

SCENA IV

OS MESMOS R ANTONIO

ANT. (*entrando*) — Não ha nada como entrar-se em uma casa sem prévio annuncio. Ora viva minha pequena, como passas de saude?

AM. — Bem, mas bastante saudosa dos senhores.

ANT. — Ah! ah! ah! Aposto que a unica ausencia que te affligia era a do nosso Arthur!

AM. (*á parte*) — Coitados! como estão satisfeitos! Mas breve quando tiverem conhecimento da tremenda verdade, que não tenho animo de communicar-lhes, a alegria desaparecerá de suas faces para dar lugar ao sulco das lagrimas da dôr e do desespero!

ANT. (*a Arthur*) — A tempestade approxima-se, Arthur, e não é conveniente que nossa bagagem molhe-se. Vai pois ao vapor busca-a antes de partirmos para a chacara.

ART. (*tomando o chapéo*) — Eu vou e já volto. (*Sahe*)

SCENA V

ANTONIO E AMELIA

ANT. — Ainda me não disseste aonde foi o nosso Alfredo, que tanto se tem demorado? Estará acaso doente?

AM. — Felizmente não. Sahio a pouco e ignoro o lugar a que se dirigio. (*A parte*) Oh! meu Deos! não sei como deva preparar esta situação!

ANT. (*encarando Amelia*) — Olá! liveste alguma turra com o pequeno?

AM. (*embaraçada*) — Eu...

ANT. — Havia de ser eu! Vejo-te com os olhos humidos, como se houveras chorado!

AM. — Ah! se o senhor soubesse o pezar immenso que confrange-me as fibras d'alma, a dôr profunda que acobrunha-me o coração, fazendo-me verter estas lagrimas, que requeimão-me as palpebras!... se o senhor soubesse!... Ah! certamente que tambem choraria comigo!...

ANT. — Então o que aconteceu? diz-me por que choras?

AM. — Ha scenas, senhor, tão tristes, de desenlace tão cruel, que, ao relatal-os, os olhos se nos enchem de lagrimas... (*soluçando*) e os labios, prezos de commoção não achão uma phrase bastante para exprimir a enormidade da catastrophe que, roubando-nos uma illusão cara — dá-nos em paga — uma realidade tremenda!...

ANT. — E... qual a catastrophe que peza sobre ti?...

AM. (*sem responder-lhe*) — Bem sabe, senhor, o culto immenso que rendo á amizade, a essa união de duas almas irmãs, que comprehendem-se e correspondem-se mutuamente...

ANT. — Sim. Mas, ao que vem isto?

AM. — A melhor e mais intima das minhas amigas...

ANT. — O que tem? O que aconteceu-lhe?

AM. — O que tem ? O que aconteceu-lhe, pergunta-me o senhor ?

Ah ! ella tem o anjo da morte a adejar-lhe junto do leito de agonias, sorrindo-se aos ais da pobre moribunda e ás lamentações das amigas, que, com a resignação dos christãos e a fé dos crentes, esperão que cumpria-se a sentença fatal !

ANT. — E quem é essa tua amiga ? . . . o seu nome ? . . . (*Amelia soluça*) Falla ! responde-me . . . ao contrario . . . (*aperta-lhe o pulso*).

AM. — Ai ! largue-me . . . por Deos . . . o senhor magôa-me . . .

ANT. — Oh falla ! falla !

UM CRIADO (*entrando*) — O criado do Sr. Antonio de Oliveira acaba de chegar do Passo da Areia, trazendo esta carta que diz ser de grande urgencia. (*Entrega e retira-se*).

ANT. (*a parte*) — Uma carta tarjada de preto ! (*alto*) O' lê ! lê depressa.

AM. (*abre a carta. Lendo*) — « Amelia. — A nossa querida Celina, esse anjo á quem davamos o doce nome de amiga, vouu esta manhã para a mansão de Deos ! (*Limpa as lagrimas*) Teu irmão, que até então estivera á sua cabeceira, desapareceu, sem que até agora se saiba para onde !

ANT. — Celina ! Celina ! será certo que tu não existes, minha filha !

AM. (*querendo serenar-o*) — Acalme-se, pelo amor de Deos, eu lhe peço, supplico-lhe . . .

ANT. (*em acto de sahir*) — Oh ! quero ao menos abraçar-te pela ultima vez ! . . . quero depôr o osculo da despedida em tua fronte de anjo, roçada pela morte ! . . . (*Vai sahir e encontra-se com Arthur que entra*).

SCENA VI

OS MESMOS E ARTHUR

ART. (*entrando em desalinho*) — E' tarde, meu pai! muito tarde! o prestito funebre já se acha em caminho!

ANT. (*abrindo caminho*) — Oh! cala-te louco! Nunca é tarde para um pai abraçar o cadaver de uma filha! (*Sahe rapido acompanhado de Arthur. A tempestade augmenta. Alguns relumpagos illuminão a scena*).

SCENA VII

AMELIA, só

AM. — Meu Deos! Tenho medo que lhes aconteça alguma desgraça, tal é o estado de desespero em que sahi-rão! (*Pequena pausa*) Pobre pai! como não tem elle o coração despedaçado pela dôr do soffrimento! — Elle, elle cuja existencia era alimentada pelos sorrisos e caricias da filha predilecta, como não soffrerá agora ao ver erguer-se entre si e ella a insuperavel barreira á que chamão — eternidade! (*Pequena pausa*) E meu pobre irmão aonde iria? O que é feito d'elle? Não sei, mas o golpe que soffreu é bastante cruel, pelo que deve deixar chagas bem profundas, que só o perpassar dos annos e os affectos da irmã poderão cicatrizar! (*Ouve-se um trovão mais forte. Relumpago*) A tempestade augmenta! E elle não vem! E' necessario procurar-o. Vou expedir alguns criados. (*Toca a campainha. Ao criado que apparece*) Se alguem procurar-me diz que não estou em casa, ouviste?

CRIADO. — Vá descansada, senhora, que suas ordens terão fiel cunprimento. (*Amelia sahe. Pausa*). Pobre familia. Ainda hontem era a mãe de meu amo, boa e santa alma! — que fallecia deixando-o abysmado em profunda dôr. Mas ao menos restava-lhe ainda uma esperança, havia ainda uma pessoa para quem elle tinha obrigação de

viver: era sua noiva! E hoje o que lhe resta? Nada mais do que o sepulchro de hontem e o cadaver de hoje!

SCENA VIII

O MESMO E ALFREDO

ALF. (*desorientado, feições alteradas, olhar vivo e incerto, cabellos em desordem*) — Morta! Morta! (*crúza os braços e pende a fronte no meio da scena*).

CRÍADO. — Coitado! como elle tem as feições alteradas!

ALF. (*sentando-se*) — Tudo acabou-se, meu Deos!

CRÍADO. — Deixemol-o, pois que elle necessita descansar o espirito.

SCENA IX

ALFREDO SÓ

ALF. — Pobre anjo! Ainda hontem eras o perfumoso botão de rosa que povoava o jardim de minha alma, ao passo que hoje és o cadaver inerte e gelido, ante o qual verto lagrimas de desillusão e desespero! — A vida torna-se-me de hoje em diante um martyrio lento e terrivel que não poderei supportar por muito tempo! (*Pausa*) Doces phantasias de meus sonhos de poeta! crenças de um futuro que se me antolhava tão bello! tudo, meu Deos! tudo acabou-se!... (*Pausa*) Resta-me unicamente a morte, só ella que me conduzirá até junto ao anjo, que a mão da fatalidade acaba de separar-me! (*Pausa*) Encosta o braço á meza e apoia a cabeça na mão. Completamente absorto. Ouve-se dobrar os sinos, caminhar de povo e rodar de carros. Surdina. A tempestade augmenta. Alfredo levanta-se, como se despertasse de um sonho. Passando a dextra pela fronte). O que é isto, meu Deos!?!... Que idéas sinistras são estas?!... (*Tornando a si*) Ah!... Tenta arrancar os cabellos; gestos, movimentos e olhar

delouco) são os negros matizes da realidade, que assaltão-me as idéas entorpecidas pela dôr que magôa-me as fibras d'alma! . . . (*Pauza*) Mas, que é isto?! os sinos tangerem, ouço o rumor do prestíto funebre! . . . (*Chegando á janella*) Ah! . . . E' ella! . . . é o esquife dos mortos, que conduz o corpo de Celina! . . . (*Fallando para fóra*) O' porém! . . . porém! . . . o corpo d'esse anjo pertence-me . . . eu era o seu noivo . . . (*Supplice*). Tenhão pena de mim . . . compadeção-se do soffrer de minh'alma, e das dôres de meu coração . . . Ah! corações de marmore, que nada os commove! almas de gelo, cujas fibras a nada se enternecem! . . . (*Trovões. Voltando á bocca da scena*) Deos! Deos! se é que existes dá vida áquelle corpo! anima áquelle cadaver! (*Pequena pausa*) Ah! tu tambem te não commoves, ente a quem chamão Supremo!?! . . . (*Chegando novamente á janella*) Céos! que vejo! . . . O cadaver move-se! . . . ergue-se! . . . O povo foge horrorizado! . . . Um homem toma o cadaver nos braços! . . . falla-lhe! . . . abraça-o e oscula-o repetidas vezes! . . . (*Fallecedolhe a razão*) Isto será uma realidade?! Não! não é possível! Os mortos não resurgem! (*Pequena pausa. Apertando a cabeça como se soffresse dôr*) O' meu Deos! como eu soffro! As idéas paralisão-se-me . . . a razão perturba-se-me! . . . Eu . . . ella . . . (*estridente*) Ah! ah! ah! (*Percorre a scena desorientadamente*).

SCENA X

O MESMO E AMELIA

AM. (*indo á elle*) — O' meu Deos! o que é isto?! O que tens, Alfredo?! . . .

ALF. (*segurando-a pelo braço*) — Não ouves o tanger dos sinos? . . . Não vês ali (*aponta*) áquelle ajuntamento do povo? . . . Sabes o que é aquillo! Ah! ah! ah!

AM. (*cahindo no sophá*) — Oh! meu Deos! Louco! Louco! . . .

ALF. (*tomando-a novamente pelo braço*) — Olha, ali está o altar! O sacerdote, chega! Ella ajoelha-se!... Eu sou o seu noivo! Estou á seu lado!... O sacerdote cobre-se com seu manto!... A cerimonia vai começar!... Oh! meu Deos! meu Deos, como eu sou feliz!... (*Pequena pausa. Horrorisado*). Mas, o que é aquillo?! Que phantasma cadaverico é aquelle, que lentamente encaminha-se para nós?!... Traz uma fouce na dextra... (*tremulo*) E' a morte!... Chega-se á Celina! Arranca-lhe da frente a grinalda que symbolisa a pureza de anjo!... rasga-lhe o véo de noiva!... (*Vai recuando a cada palavra*) Fere-a com a fouce!... Celina vacilla... cerra as palpebras... cahe por terra... (*julgando tomar o pulso*) Seu pulso está paralisado... seu coração já não palpita... meu Deos! está morta! morta!... Ah! ah! ah! (*Recua e cahe de costas*).

AM. (*ajoelhando-se junto á elle*) — Alfredo! Alfredo! meu irmão! (*pondo as mãos*) Oh! meu Deos! piedade! piedade para elle, Senhor!... (*A's palavras — Oh! meu Deos — Arthur apparece ao F. Contempla o quadro. O panno desce lentamente*).

FIM DO 1.º ACTO

MARIA

Fecha agora o teu piano,
Vem depressa, senta aqui;
Não retardes um instante
De ventura, minha hury.

Já as aves se recolhem
No frouxel da ramaria,
O céu deixa tudo em sombras...
Já vai longe a luz do dia.

Contemplamos nova scena...
Um cordão de pyrilampos
Illumina o doce parque
E na treva deixa os campos!...

Entre as sarças treme a rosa
E a cagoila de perfumes
Se desata meigamente
Ao luzir dos vagalumes.

Como tudo aqui é bello?!...
Na penumbra das latadas
De jasmims e madresilvas
Quantas horas não contadas?!.

Vamos... Fecha o teu piano,
Quero ouvir-te a voz divina,
Ao balanço dos arbustos
Nessa mystica surdina.

Vem depressa. A noite é bella
Encantada Julieta!...
O teu parque já rescende
Grato olôr da violeta

Nos meus braços vem...descança...
Guarda a tua «Favorita»,
Que eu prefiro a cavatina
Do teu seio que palpita.

Quando teu rosto descora
E teu olhar se illumina
N'um dueto de mil beijos...
Que harmonia mais divina?

Vem Maria... A noite é calma
E meu peito arde em desejos;
Vem... eu vou cantar-te uns versos
Com estribilho de beijos.

MANFREDO

CHRONICA

A novidade mais notavel da quinzena foi o grande dia da patria. O dardejar do sol de 7 de Setembro mais uma vez doirou as verdejantes collinas do Cruzeiro, recôrdando a este povo que 55 annos já amergerão-se ao sopro destruidor da noite dos tempos, e que nós, se temos caminhado muito á sombra d'essa bandeira de liberdade erguida sobre o Ypiranga, não conquistamos, por certo, esse grão de adiantamento que devemos ambicionar entre as grandes nações.

Se apenas meio seculo marca o itinerario de nossa emancipação politica, e se n'esse peregrinar temos lutado em prol da causa do progresso e arcado com os vulcões encandecidos das revoluções de diversas epochas, não havemos todavia posto em acção a mascula energia que deve ser a nobreza de brasileiro, energia imposta pela ardentia do sol dos tropicos e pela robustez d'essas matas gigantes que cercão o imperio diamantino.

Tardios embora, vamos porém marchando aos raios do « fiat lux », levando em nosso estandarte a divisa de Pelletan.

A data gloriosa de nossa emancipação politica parecia ir desaparecendo da memoria popular.

Já nos tinhamos acostumado ás classicas luminarias com que o patriotismo official inundava os desertos edificios publicos, e ao simples « Te-Deum da Edilidade!

E com isto passavamos. Era triste e desanimador, porém real.

Quando o seio popular não estremece ao sentimento do amor da patria, quando não o inspira o entusiasmo por sua mais ingente gloria, é uma verdade lamentavel que a fibra patriótica amorteceu e que amortecido esse sentimento nobre vivemos sob o dominio ignominioso do depreciamento do caracter nacional.

Felizmente a nossa municipalidade erguen-se este anno e ampliou a solemnidade de 7 de Setembro com um acto altamente louvavel.

A' meia noite de 6 vestio seu salão de galas e acolheu um numero immenso de visitantes. Distinctas ovens entoarão o hymno de nossa independencia; findo este o illustre presidente da Camara leu um discurso analogo ao facto que se commemorava e concluindo entregou a um pardinho escravo a carta que o liberlavá do poder servil, fazendo-o descortinar mais bellos matizes no céu da patria.

O Sr. Miguel de Verna saudou tambem o despontar de 7 de Setembro, pronunciando uma allocueão.

Singela foi a festa da Camara Municipal, porém rica de imponencia. Abriu seu vasto salão, illuminou-o e ao decantar o marco inemoravel que nos tornou nação, arrancou mais uma victima do egoismo de um passado de degradação moral.

—A' illustre associação « União Militar » coube a honraria de 7.

Não obstante o temporal que desabou á tarde e prolongou-se até parte da noite, foi grande a affluencia de convidados ao espectáculo da « União Militar ».

O theatro estava primorosamente decorado, sobresahindo no scenario o trophéo brasileiro, diante do qual cantãrão o hymno d'iversas senhoras.

Seguiu-se a representação do drama « A Cruz », que os distinctos amadores interpretarão com felicidade.

— Tem estado de festas o theatro S. Pedro. Os occarinistas fizeram sua passagem triumphante por entre nós, deixando-nos saudades d'aquelles instrumentos prehenes de accórdes suaves.

São realmente sonóros. As occarinas produzem sons maravilhosos e os montanhezes de Portugal são um prodigio de art.

A colonia portugueza pagou um tributo devido ao merito de seus compatriotas na manifestação honrosa que dispensou-lhes.

— Os nossos irmãos do Norte é que paixão por uma calamidade terrivel. A secca com todo o seu cortejo de horrores devasta-lhe os campos e mata-os á fome!

Felizmente o dever publico despertou-se, e o obulo da caridade derrama-se para minorar as dores dos que soffrem.

As lojas maçonicas « Progreso da Humanidade » e « Tolerancia » promoverão, esta uma subscripeção e aquella um concerto, cujos productos serão destinados ás victimas da secca.

O concerto que effectuou-se no salão do « Club Commercial » esteve soberbo! Foi immensa a concurrencia e os occarinistas foram abrilhantal-o, fazendo jus á nossa sympathia, correndo após sua chegada a tomarem parte n'essa festa meritoria.

Nossa prestimosa consocia D. Luciana de Abreu levou tambem o valioso contingente de sua palavra illustrada. Preleccionou sobre « A Caridade », these que desenvolveu na altura de sua apreciavel intelligencia, conquistando mais um florão para ennastrar-se á rica coroa que circumda-lhe a fronte.

— Ainda a « União Militar », essa associação composta de homens d'armas, que sendo o sustentaculo da patria contra as invasões do estrangeiro, no remanso do lar não esterilisa o tempo e eil-os no cultivo da arte dramatica não só collaborando para a civilização patria, como tambem ennobrecendo-a com a beneficencia.

O « Ghigi » foi levado á scena com feliz exito, revertendo o resultado do spectaculo em favor das victimas da secca.

N'um dos entreactos, o Sr. Nicoláo Vicente recitou uma bellissima poesia: — A Caridade.

— No dia 8 a « União Escolar » representou, no salão da « Luso », o « Filho Bastardo », producção do talentoso rio-grandense Sr. Arthur Rocha.

O spectaculo foi em regosijo á data faustosa que o coração da mocidade não esquece.

— Por isso os alumnos da Aula Nocturna erguerão trophéos em suas salas de trabalho e na mesma noite de 8 percorrerão as ruas, acompanhados dos sons festivos de sua banda de musica.

— Annuncião os jornaes da corte o proximo apparecimento de mais um periodico. É o « Contemporaneo », orgão consagrado ás lettras e ás artes.

Que seja bemvindo o novo campeão.

R. DA SILVA.

REVISTA QUINZENAL

DO

PARTHENON LITTERARIO

Esta Revista apparecerá nos dias 15 e 30 de todos os mezes. Na Imprensa Litteraria recebe-se assignaturas a 3\$000 por trimestre e 6\$000 por semestre. Para fóra da capital as assignaturas não serão por menos de seis mezes.

O pagamento é adiantado.

O PARTHENON LITTERARIO dando á lume a sua REVISTA appella para todas as intelligencias que se interessão pelo engrandecimento das lettras nacionaes, no empenho de auxiliá-lo na romaria que reenceta.